

## NIETZSCHE, HUSSERL E EDITH STEIN: diálogos sobre fenomenologia e o papel do intelectual

### NIETZSCHE, HUSSERL AND EDITH STEIN: dialogues on phenomenology and the role of the intellectual

Danilo Souza Ferreira<sup>1</sup>  
Felipe Figueira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo propomo-nos a descrever a influência das questões filosóficas apresentadas por Friedrich Nietzsche sobre a primeira geração fenomenológica, em especial na formação da fenomenóloga Edith Stein. Portanto o artigo apresenta uma perspectiva histórica em que se destaca a influência de Nietzsche na definição do papel de intelectual para os filósofos e em como essa definição parte da relação do teórico com a comunidade, assim nesse artigo buscamos descrever essa inspiração do pensamento nietzschiano na concepção de método para Edmund Husserl e Edith Stein.

**Palavras-chave:** Friedrich Nietzsche; Fenomenologia; Edith Stein; Edmund Husserl

**ABSTRACT:** In this article, we propose to describe the influence of philosophical issues raised by Friedrich Nietzsche on the first phenomenological generation, especially in the formation of the phenomenologist Edith Stein. Therefore, the article presents a historical perspective in which the influence of Nietzsche in defining the role of intellectual for philosophers is highlighted and in how this definition starts from the relationship of the theorist with the community, so in this article we seek to describe this inspiration of Nietzsche's respectivism thought in the conception of method for Edmund Husserl and Edith Stein.

**Keywords:** Friedrich Nietzsche; Phenomenology; Edith Stein. Edmund Husserl

## INTRODUÇÃO

Neste artigo buscaremos apresentar a postura e influência de Edmund Husserl e de Edith Stein frente à recepção de Friedrich Nietzsche, tendo em vista que essa primeira aproximação ocorre por meio da leitura e fascínio desses três filósofos pela obra de Arthur Schopenhauer, a saber, *O Mundo como Vontade e Representação*, que exerceu forte influência em todos. Apesar de início as referências se apresentarem de maneira dispersas, essas vão se adensando, ao que podemos compreender como o *modus operandi* do fazer filosófico da fenomenologia. Apesar de como definiu o filósofo russo Leo Shestov no livro memorialístico *In Memory of a Great Philosopher: Edmund*

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto, Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) membro do The International Association for the Study of the Philosophy of Edith Stein (IASPES). E-mail: [danielosf1901@hotmail.com](mailto:danielosf1901@hotmail.com)

<sup>2</sup> É professor no Instituto Federal do Paraná (IFPR), Campus Paranavaí. Licenciado em História pela UNESPAR (Campus FAFIPA), em Pedagogia pela UNINTER e Bacharel em Direito pela UNIPAR. Mestre em Educação pela UEL, Doutor em Educação pela UNESP de Marília e Pós-Doutor em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Possui Aperfeiçoamento em Atendimento Educacional Especializado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: [felipe.figueira@ifpr.edu.br](mailto:felipe.figueira@ifpr.edu.br)

*Husserl*, a recepção de Nietzsche por parte de Edmund Husserl não era primordialmente feita através das interpretações das obras dos intelectuais, mas principalmente através de sua postura diante do filosofar, isto é, ambos os intelectuais partilharam da análise da racionalidade como objeto filosófico. É possível, até provável, que Husserl soubesse relativamente pouco sobre Nietzsche. No entanto, ele era próximo de Nietzsche: “(...). Tanto Husserl quanto Nietzsche depositavam confiança ilimitada na razão.” (SHESTOV, 1962,p.463).

Ambos os intelectuais, Friedrich Nietzsche, Edmund Husserl e Edith Stein são profundamente marcados pela leitura das obras de Arthur Schopenhauer, para quem a racionalidade pode ser compreendida junto da intuição dos tipos de conhecimento, isto é, os métodos e meios pelos quais nós apreendemos os conhecimentos do mundo da vida. Assim, o fundamento de uma filosofia para Schopenhauer é como se fundamenta a representação dos objetos em que estamos inseridos. Isso é o movimento que permite dar forma através do corpo, da percepção da vontade vivida no corpo humano que se pode chegar à essência do mundo, a saber, a vontade. É através do corpo que o ser humano faz as experiências que o permitem contemplar a essência do mundo, ou seja, através da vontade. Portanto, para Arthur Schopenhauer, o conhecimento científico é fornecido por meio das relações que são vivenciadas através do tempo, espaço, causalidade, sendo, portanto, organizados pelos princípios da razão, que coloca os objetos em relação com o corpo e, por conseguinte, sendo acessíveis pela vontade. O conhecimento científico é aquele que é submetido ao princípio da razão, buscando desvelar tais relações. Por fim, a forma em que se relacionam e distinguem o conhecimento científico da razão é o princípio do conhecimento intuitivo, sendo um dos principais objetivos de Schopenhauer definir que a formação erudita não precisa ter uma utilidade, além da intencionalidade de buscar esse conhecimento.

O conhecimento submetido ao princípio de Razão constitui o conhecimento racional; só tem valor e utilidade na vida prática e na ciência: a contemplação, que se abstrai do princípio da razão, é própria do gênio, ela só tem valor e utilidade na arte. (SCHOPENHAUER, 2003,p.194).

## NIETZSCHE, SCHOPENHAUER E A FENOMENOLOGIA: algumas aproximações

Friedrich Nietzsche começa a estudar a obra de Schopenhauer em 1865. Esse estudo se desenvolveu principalmente pelo interesse pelo conceito de gênio desenvolvido por ambos os filósofos. Na aproximação do filósofo alemão em relação ao seu conterrâneo, destaca a admiração por sua postura como intelectual e educador, que compreende o fazer filosófico não como um meio de “ganha pão” em que a escrita seria compreendida como mera reprodução (escrita erudita) que distancia o intelectual do mundo, assim da busca desinteressada no mundo. (FIGUEIRA, 2012, p.64) A postura de escrita feita por Schopenhauer é a de escrever para si mesmo e se tornou um filósofo defensor desta máxima: “Não engane ninguém, nem a ti mesmo”. (NIETZSCHE, 2013 p.3)

Portanto, para Nietzsche, a escrita e o modo de ser de Arthur Schopenhauer são marcados pela autenticidade, que buscava reinterpretar o mundo e desvelar que mesmo a racionalidade é marcada pela intencionalidade, fornecendo a Nietzsche as ferramentas para desenvolver seu próprio pensamento. É a partir dessa admiração que Nietzsche escreve *Schopenhauer como Educador*, no qual a experiência de tal enfrentamento como educador é completamente essencial para encontrar o caminho para um novo sim para a vida. Como afirma José Fernandes Weber acerca da *III Consideração Extemporânea*: “representará uma primeira aparição, embora tímida e apenas insinuada, do tema do espírito livre”. (WEBER, 2011, p.150) Em outras palavras, através dos apontamentos de Schopenhauer é que Nietzsche faz crítica à filosofia universitária, já que para Schopenhauer a filosofia universitária apenas intensificava as crenças e valores de determinada cultura:

Enquanto a Igreja existir, só poderá se ensinar nas universidades uma filosofia que, composta em total consideração para com a religião do Estado, caminhe, no essencial, paralelamente engalanada e, assim, difícil de entender – de fato nada mais seja, no fundo e no principal, que uma paráfrase e uma apologia da religião do Estado. (SCHOPENHAUER, 2001, p.6)

A crítica feita por Schopenhauer à filosofia acadêmica enquanto dogmática é que esta não serviria para desvelar os fenômenos das intencionalidades da análise filosófica, pois os filósofos acadêmicos não seriam pensadores livres, mas apenas servos do

Estado. Uma prova dessa servidão para Schopenhauer é que os filósofos acadêmicos se apossaram da tradição filosófica, e em seus trabalhos buscavam apenas emular os escritos antigos, e não revelavam os seus próprios pensamentos, apenas se preocupando em ocupar um lugar de prestígio. Nos termos de Schopenhauer: “podem-se dividir os pensadores entre os que pensam para si mesmos e os que pensam para outros; estes são a regra; aqueles, a exceção”(SCHOPENHAUER, 2001, p.25).

Portanto, um dos valores fundamentais para Schopenhauer é a autenticidade, pois diferente dos professores universitários, a sua filosofia buscava fazer os jovens pensar, e não apenas criar narrativas acumulativas, nas quais escritos filosóficos se apresentariam sequencialmente como sinônimo de progresso, segundo os interesses do Estado em manter seu poder. Esse questionamento à postura acadêmica e à produção filosófica é a maneira em que Schopenhauer propõe que a escrita filosófica se aproxime da literária e é, em parte, o que despertou o interesse de Friedrich Nietzsche, como podemos perceber nos prefácios de 1872, intitulado *A relação da filosofia de Schopenhauer com uma cultura alemã*, onde Nietzsche, ao analisar a degradação da situação cultural de seu país, aponta a esperança no futuro por uma cultura futura. Tal esperança advém da inspiração na filosofia de Arthur Schopenhauer:

Vocês têm aqui o filósofo – agora procurem a cultura que lhe pertence! E se puderem pressentir que tipo de cultura deve ser esta, que corresponde a tal filósofo, terão neste pressentimento acerca de toda a sua formação e acerca de vocês mesmo, – o veredito! (NIETZSCHE, 2003, p.3)

Compreendemos por meio dessa passagem que, apesar de que para Nietzsche a cultura alemã estava em declínio, através de uma inspiração no modelo intelectual de Schopenhauer apresentariam a potencialidade de restabelecer a cultura em que possibilitaria um tipo de intelectual livre, que teria a capacidade de enfrentar os modelos tradicionais vigentes. Como aponta José Thomas Brum no livro *Nietzsche e Schopenhauer – da admiração à decepção*, Friedrich Nietzsche considera o filósofo Schopenhauer como o seu modelo de intelectual, tomando-o como a imagem de si. (BRUM,2001,p.78)Assim, as ideias desenvolvidas por Schopenhauer, a saber, crítico das universidades, a ideia de um filósofo independente em relação ao Estado e à sociedade são recepcionadas por Nietzsche. Podemos compreender que a admiração desenvolvida por Nietzsche sobre a pessoa de Arthur Schopenhauer o leva a considerá-

lo um protótipo, a quem vai utilizar como um padrão de julgamento da figura do filósofo.

Porém, a recepção da obra de Schopenhauer não obteve aceitação, segundo Nietzsche, por causa dos costumes e tradições que foram se enraizando no campo universitário, pelos filósofos de cátedra que ensinavam uma filosofia que não levava os alunos a refletirem, simplesmente reiterando aquilo que os alunos já estavam habituados, gerando um afastamento de grande maioria do público. Para Nietzsche, a cultura moderna seria responsável por favorecer a cristalização do pensamento, fazendo com que os alunos apenas reproduzissem os discursos e nivelando os indivíduos. Diante desse cenário, segundo Nietzsche, torna-se fundamental o reconhecimento de Schopenhauer como um verdadeiro educador, pois por intermédio deles seria possível desenvolver nos alunos os modelos de “espírito livres”. Como descreve Nietzsche

Aquele, então, que reconhece o que há de desrazão na natureza desta época deve refletir nos meios de fornecer para ela alguns remédios; e sua tarefa será a de apresentar Schopenhauer aos espíritos livres e àqueles que sofrem profundamente com nossa época, reuni-los e produzir através deles uma corrente cuja força deverá vencer a inépcia da qual a natureza dá comumente prova, e hoje ainda, na utilização do filósofo. Tais homens compreenderão que estas são as mesmas resistências que criam obstáculos ao efeito de uma grande filosofia e que entravam a produção de um grande filósofo; além disso, eles poderão dar-se como objetivo preparar o renascimento de Schopenhauer, em outras palavras, o ressurgimento do gênio filosófico. (NIETZSCHE, 2003, p.203).

Compreendemos assim que para Friedrich Nietzsche a filosofia desenvolvida por Schopenhauer apresentaria a potencialidade de criar meios para os quais os estudantes poderiam se perceber como espíritos livres, pois como afirma José Thomas Brum, através da percepção da vontade vivida pelo corpo humano que se pode chegar à essência do mundo, ou seja, à vontade. É no corpo humano o lugar onde o homem faz a experiência de uma força que o domina e a qual ele obedece maquinalmente (BRUM, 2001, p.23). Nietzsche se propõe a uma concepção de educação e de cultura que não deveria estar envolta na educação histórica, isto é, na tradição, pois a educação moderna advinda dessa maneira é para o filósofo apenas um sinônimo de domesticação, porque através dessa educação apenas compreenderia o educador como um erudito, comerciante e funcionário do Estado, transformando-o em uma criatura dócil, frágil, indolente.

(...) onde estão na verdade para todos nós, eruditos e ignorantes, grandes e pequenos, nossas celebridades e nossos modelos morais entre nossos contemporâneos, visível encarnação de toda moral criadora nessa época? (...) jamais tivemos tanta necessidade de educadores morais e jamais foi tão pouco provável encontrá-los. (NIETZSCHE, 2013, p.139).

Para Friedrich Nietzsche, a figura do educador deve ser responsável para adestrá-lo, isto é, fazê-lo obedecer a certas regras e adquirir novos hábitos, tornando-o senhor dos seus instintos, de modo que essa educação não tem a intencionalidade de fazer que o educando seja adaptado às condições sociais, mas sim que este possa agir de maneira autêntica e através dessa postura se fazer forte, capaz de compreender a si mesmo. “O homem que não quer pertencer à massa só precisa deixar de ser indulgente para consigo mesmo; que ele siga a sua consciência que lhe grita: Sê tu mesmo! Tu não és isto que agora fazes, pensas e desejas.” (NIETZSCHE, 2013, p.145).

No ensaio *Schopenhauer como Educador*, Nietzsche descreve que o filósofo Arthur Schopenhauer era o seu modelo de educador, pois não supõe que Schopenhauer deveria ser um educador para todos, isto é, não queria que ele se cristalizasse como um educador de todos, que se tornasse tradição, mas sim apreender com ele como se deveria relacionar com o modo de filosofar. Nesse registro, o protótipo de Nietzsche para um espírito livre, no ensaio *Schopenhauer como Educador*, é o modelo schopenhauriano de intelectual, que pode contemplar a vida e que tem o poder para liberar, estimular e educar. A partir dessa metodologia, da forma de educar e de filosofar, poderia se concretizar o que o filósofo denomina de expressão schopenhauriana. A expressão schopenhauriana é uma metodologia por meio da qual uma postura de modelo de intelectual que evoca a promessa de uma forma alternativa de humanidade, em que a vida cultural tem papel basilar, que é de desvelar nos indivíduos a coragem e a habilidade de “ser você mesmo”, de reconhecer a sua autenticidade, como afirma o pensador:

O mais difícil está por fazer: dizer como se extrai deste ideal um novo ciclo de deveres e como se pode, com um propósito além do mais transcendente, colocar-se em contato com uma atividade regular, em suma, mostrar que este ideal educa. Poder-se-ia, ao contrário, achar que não se trata aqui de outra coisa senão da intuição benéfica, ou seja, da intuição embriagadora, que nos oferece certos instantes, para logo cada vez mais nos deixar e nos abandonar numa lassidão cada vez mais profunda. (NIETZSCHE, 2013, p.175).

O fascínio de Friedrich Nietzsche pelas obras de Arthur Schopenhauer é que este o permite compreender que a cultura, entendida como hostilidade em relação às influências, aos hábitos, às leis e às instituições de poder, poderia revelar as forças que estão dentro de cada indivíduo que se perceberia como espírito livre e sendo esse o modelo estabelecido no ensino onde a educação conseguiria extrair o conhecimento daquilo que é “ser você mesmo”. Nesse registro, o fascínio que Friedrich Nietzsche sentia por Schopenhauer como um modelo de educador ocorria por compreender que o intelectual não deveria se portar enquanto um erudito, mas enquanto um “espírito livre”, cujo objetivo é a busca desinteressada pelo conhecimento. (FIGUEIRA, 2012, p.78). Para Arthur Schopenhauer, assim como para Nietzsche, a função da educação é a de buscar o conhecimento desinteressado. Nesse cenário, por fim, devemos nos lembrar que Schopenhauer era livre-docente da Universidade de Berlim, portanto, não recebia para lecionar, atitude que é diametralmente oposta à de Georg Wilhelm Friedrich Hegel, para quem, na leitura de Schopenhauer e Nietzsche, a filosofia era compreendida como “ganha pão”, sendo que Hegel atingiu o estrelato e o cargo de reitor da Universidade de Berlim. ( FIGUEIRA, 2012, p.64).

## **HUSSERL E O FASCÍNIO SOBRE NIETZSCHE E SCHOPENHAUER**

A compreensão de que haveria a necessidade de uma nova geração de intelectuais que buscava repensar o papel das ciências, em que não deveriam ser compreendidas como apenas representação de realidade ou da mera análise superficial, mas sim uma busca pela essência dos fenômenos, por meio da leitura de Schopenhauer, foi compartilhada por Friedrich Nietzsche, mas também por Edmund Husserl. Podemos perceber esse sentimento de fascínio na obra *V Investigação lógica*, onde Edmund Husserl descreve a inspiração da fenomenologia ao afirmar “O mundo é minha representação” (HUSSERL, 2012, p.763). Essa referência ao livro *O Mundo como Vontade e Representação* de Schopenhauer, que foi apresentado a Husserl desde 1880, quando estudava matemática em Berlim, o impactou de maneira tão forte que foi objeto de um curso ministrado por ele no semestre de inverno na Universidade de Halle em 1892.

Para Stephan Günzel, as leituras das obras de Schopenhauer marcaram o jovem Husserl na compreensão de que para chegar aos “objetos reais” antes que “apareçam a consciência como uma avaliação prática isso é, de como se relaciona a experiência com

o mundo da vida e através desta experiência formular a consciência sobre o mundo”(GUNZEL, 2016, p.59). De maneira semelhante, para Friedrich Nietzsche a escrita filosófica de Schopenhauer, por não ser erudita, isto é, não se limitar à mera reprodução de discursos para o Estado, permitia desvelar a questão da aparência que era percebida erroneamente por uma moralização decidida do ser, ao invés do desenvolvimento de uma metafísica da vontade, que propõe uma intencionalidade do sujeito na dinâmica de análise do real. Como descreve Kristen Brown Golden, ambos Nietzsche e Husserl empregam a genealogia para revelar um mundo interior da subjetividade e um processo de ideação, ao qual condicionaria formas experienciais através dos séculos, tendo abordado que “Nietzsche enfatiza um sujeito de conflito e servidão enquanto Husserl enfatiza um sujeito capaz de dar a si mesmo a liberdade”. (GOLDEN, 2013, p.63) Para tanto, uma segunda etapa se faz “especificando o problema da psicologia para Husserl”, em *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*, onde a autora vai argumentar que:

Ambos Nietzsche e Husserl enfatizam a consciência vivida como um ponto inicial para a formação dos objetos humanos. O problema geral da tradição psicológica para Husserl é sua estruturação pelas hipóteses de objetivismo psicológico. O objetivismo psicológico é uma “inocência transcendental” que não vai “se extinguir”. O que ele vê como sua consequência é “as degenerações ressoarem em filosofia sobre a ocupação irracionalista, substituída pela inextinguível ideia de filosofia como o mais destacado solo e ciência universal”, e Husserl julga ser irresponsável. (GOLDEN, 2013, p.63).

Podemos perceber a aproximação entre Edmund Husserl com Friedrich Nietzsche desde o curso de verão em Halle, em 1987, cuja temática foi sobre ética e filosofia do direito, onde ao refletir sobre a difusão desenfreada do relativismo moral e como gerou decadência na sociedade alemã, cita a obra *Além do bem e do mal*, ao dizer que o “o ceticismo ético se apropria facilmente do terreno desolado depois da derrocada da filosofia idealista na Alemanha”. (HUSSERL, 2012, p.382). Assim como aponta Stephan Günzel, esse primeiro contato entre Edmund Husserl com Friedrich Nietzsche foi marcado como negativo, sendo para Husserl um exemplo de como foram desenvolvidos escritos de filosofia fora da academia e com uma ausência de um sistema filosófico. (GUNZEL, 2016, p.107).

Porém essa percepção negativa se modifica com o tempo, como podemos perceber na obra *Fragmentos principais da Fenomenologia e da crítica da razão*, que

foi o resultado de um curso ministrado durante o semestre de verão de 1907, na qual Husserl concentra-se na “tarefa geral” de uma “crítica da razão”. Essa mudança se desenvolve na discussão fenomenal da fantasia, em especial no sonho, pois é onde a *epoché* da realidade não teórica, mas do mundo da vida, “onde vive o visionário somático” no estado-de-transe que se instaura ‘agora’. O mundo da fantasia é o mundo real. (HUSSERL, 2012, p.42). Podemos compreender que o pensamento de Edmund Husserl é marcado pela intenção de que existem fenômenos em que os projetos teóricos acadêmicos não conseguem ser apreendidos apenas na erudição acadêmica porque compõem o mundo da vida. Para o entendimento desses fenômenos em que deixam de ser em si a representação do real e da fantasia, é que o fenomenólogo Husserl vai buscar a inspiração em Nietzsche e em sua admiração por Schopenhauer, e o ponto onde a recepção se torna positiva.

Essa inspiração pode ser comprovada quando no semestre do inverno de 1907, dois semestres depois do curso “Fragmentos principais da Fenomenologia e da crítica da razão” em que Edmund Husserl vai ocorrer em uma segunda referência a Friedrich Nietzsche no livro *Introdução à lógica e teoria do conhecimento* em que Husserl cita uma passagem do texto de Nietzsche *Humano, Demasiado Humano*:

É evidente que nossos juízos mais fortes e mais usuais possuem o mais longo passado, surgiram e se solidificaram, portanto, em épocas inconscientes – que tudo que mais cremos, provavelmente, foi crido justo pelas piores razões: as pessoas sempre facilitaram as coisas tomando “provas” da experiência, como há pessoas ainda hoje que pensam “provar” a bondade de Deus a partir da experiência. (NIETZSCHE, 2007, p.138).

Podemos perceber assim que Edmund Husserl encontrou em Nietzsche um modelo de educador em que pode auxiliá-lo na análise de fenômenos como os que não se limitam à mera reprodução erudita, mas os fenômenos que só podem ser apreendidos no próprio mundo da vida que escapa ao puro acúmulo de repertório que comporiam a erudição, pois estariam já naturalizados, pois fazem parte de um longínquo passado. Na conferência intitulada *Crise das Ciências Europeias* em 1935, feita por Edmund Husserl, ele buscou refletir sobre a cultura filosófica e bem como ocorreu a decadência na cultura europeia, o que para o filósofo era um dos motivos para a ascensão de conflitos totalitários como a Primeira Grande Guerra Mundial. (THOMÉ, 2015, p.10). Edmund Husserl descreve com clareza que o ponto em que a crise política europeia se

originou advém de um transvio da racionalidade, que estava sendo feita de maneira estreita pelos intelectuais de ciências humanas da época, que buscavam emular os padrões das ciências matemáticas e da natureza, com as inevitáveis consequências do naturalismo e do objetivismo na compreensão da essência da subjetividade.

Condensem as ideias fundamentais das nossas explanações: a hoje em dia tão falada “crise da existência europeia”, documentando-se em inumeráveis sintomas de desagregação da vida, não é nenhum destino obscuro, nenhuma fatalidade impenetrável (...)A crise da ciência europeia tem apenas duas saídas: a decadência da Europa no afastamento perante o seu próprio sentido racional de vida, a queda na fobia ao espírito e na barbárie, ou então o renascimento da Europa a partir do espírito da Filosofia, por meio de um heroísmo da razão que supere definitivamente o naturalismo.( HUSSERL, 2012,p.53).

Assim, a limitação da forma de uma cultura advém, para Edmund Husserl, não do abandono de uma matriz racional e de uma cultura erudita autêntica, mas sim de uma decadência responsável pela banalização da razão, que impediria restabelecer as conexões perdidas entre a racionalidade e o mundo da vida, assim, essa situação crítica atual de desespero perante o silêncio da razão no que diz respeito aos problemas mais profundos da subjetividade e da vida humana. De maneira semelhante, para Friedrich Nietzsche, com a modernidade a verdadeira intelectualidade havia se banalizado e entrando em decadência (FIGUEIRA, 2012, p.784), quando o filósofo Nietzsche analisa que a atividade moderna estava sendo desenvolvida pelos jornalistas e que a “cultura universal é a barbárie” (NIETZSCHE, 2013, p.62). Por meio dos textos jornalísticos, o público se considera bem informado, mas, na verdade, não há um projeto formativo, apenas um esbanjar de banalidades. Por fim, e de modo trágico, também devemos destacar um certo aspecto biográfico que levou Edmund Husserl a compreender que a intelectualidade de sua época estava em decadência, isto é, as vicissitudes da Primeira Grande Guerra, que lhe tornaram especialmente dramáticas no plano pessoal, com as mortes de seu filho Wolfgang, em 1916, no campo de batalha de Verdun, e de Adolf Reinach, seu discípulo, em 1917.

## **EDITH STEIN E AS APROXIMAÇÕES COM SCHOPENHAUER E NIETZSCHE**

Assim como no caso do seu mestre Edmund Husserl, a aproximação de Edith Stein pelos escritos do filósofo Friedrich Nietzsche ocorreu através do fascínio pela obra de outro intelectual, o filósofo oitocentista Arthur Schopenhauer, como podemos

perceber por meio de sua autobiografia intitulada *História de uma família judia. Traços autobiográficos: infância e os anos juvenis*, sendo redigido, em sua maior parte no ano de 1933, como reação após a tomada do poder político da Alemanha pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães e conseqüentemente à ascensão de Adolf Hitler e do antissemitismo.

Eu quero fazer uma descrição daquilo que tenho conhecido como humanidade judaica. (...) O que escrevo nestas páginas não tem a pretensão de ser uma apologia do judaísmo, e (nem menos da história de minha família). Para desenvolver a ideia da religião judaica, ou escrever a história do povo judeu, para tudo isso existe pessoas competentes. E quem gostaria de se informar a propósito, encontrará uma ampla bibliografia. (STEIN, 2018, p.24).

Nesse texto autobiográfico a intelectual busca descrever as primeiras disciplinas que cursou na Universidade de Breslau na qual cursou as disciplinas de psicologia e história, bem como no campo da educação, em especial as ciências do espírito, já que outras profissões eram limitadas a participação das mulheres, como o Direito. Mesmo nesse campo de atuação, na educação e na filosofia era incomum a participação feminina. Como Ângela Alles Belo aponta, “É, esse, um fenômeno singular, de fato, se observarmos outros círculos filosóficos daqueles anos nos damos conta da quase total falta de figuras femininas” (BELLO, 2005, p.199), Continuemos a ouvir a voz de Stein:

Minha mãe abençoou com sua mão protetora. Ocasionalmente dizia ter preferido se tivesse escolhido leis (direito). Mas se podia replicar que as mulheres não eram ainda admitidas para o exame de direito. Para um trabalho social nenhuma das duas pensavam. Por outro lado, a preocupação de minha mãe era apenas uma discreta sugestão. Entendia me deixar livre: ‘Ninguém, nunca te disse o que deves fazer, e não existe ninguém que possa fazê-lo. Faça aquilo que achar justo’. Assim podia caminhar por minha estrada sem preocupação. (LOWY, 2012, p.25).

Michael Lowy apresenta que os intelectuais de origem judaica, provenientes das regiões da Europa Central, como Breslau na Silésia, Alemanha (desde 1945, Wroclaw, Polônia), região onde Edith Stein nasceu, procuraram durante o final do século XIX e início do século XX ascender socialmente através da atuação nas universidades e academias, pois a geração anterior, dos seus pais e avós, havia conseguido estabilidade econômica. (STEIN, 2013, p.229). Acreditamos que Edith Stein faz parte desse movimento de legitimação social e intelectual através da participação em grupos durante o período em que atuou na universidade de Breslau, como a associação

acadêmica de estudantes pedagógicos e os do círculo fenomenológico de Gotinga, onde, por meio da sua produção intelectual, procurou compreender a pessoa humana em sua pluralidade e a partir dela criar laços de empatia e afecção. Edith Stein afirma que as Ciências Humanas, em especial a História, poderiam ser o caminho para a restauração e a criação de laços de identidade e orientação, pois a partir das vivências, como já demonstrara Dilthey, os homens se perceberiam próximos. Isso significa que eles teriam a capacidade de compensação diante da especificidade das ciências biológicas, como apresentamos na crítica ao psicologismo.

Podemos perceber que esse processo em que a formação erudita possibilitaria a estabilização dos sujeitos durante momentos de marcante crise social como por exemplo, quando Edith Stein descreve a sua atitude durante o anúncio da Primeira Grande Guerra Mundial, que afetou a geração que a cercava:

Era contra a minha natureza aumentar a agitação, correndo para todos os lados e tagarelando inutilmente. Sempre me enchi de admiração ao ler Homero e ver como Heitor manda sua esposa Andrômaca voltar para casa e para o trabalho após ter-lhe dito adeus para sempre, a ela e a seu filho pequeno. Assim, na tarde de 30 de julho, por volta das quatro horas, encontrava-me em meu pequeno escritório, imersa em *O mundo como vontade e representação*, de Schopenhauer. (...) informaram-me que não valia a pena ir ao curso. Havia um anúncio no quadro de informações da universidade: a guerra fora declarada e todos os cursos haviam sido suspensos. (STEIN, 2018, p.380).

Edith Stein busca orientação nesse modelo de instabilidade na leitura como durante o período em que Stein abandonou a escola formal, ela se ocupou dos serviços domésticos e também cuidou em Hamburgo dos seus sobrinhos, filhos de sua irmã Else. Stein volta de Hamburgo também para cuidar do sobrinho Harold, filho de seu irmão Paul, que com dois anos de idade estava doente com escarlatina, doença que já matara alguns membros de sua família. Durante essa época, Edith se dedica ao estudo do problema da *Bildung* e de tragédias e obras de conteúdo histórico-político, o que chamará de “pão cotidiano”. Dentre os autores citados, encontram-se Franz Grillparzer, Henrik Ibsen, Friedrich Hebbel, William Shakespeare, Baruch Spinoza e Arthur Schopenhauer.

Ninguém me incomodava em meu mundo. Certa vez, quando peguei o livro *O mundo como vontade e representação*, de Schopenhauer, minhas irmãs mais velhas protestaram energicamente. Elas se preocupavam

com minha saúde mental e, por isso tive de devolver os dois volumes à biblioteca sem que os tivesse lido. (STEIN, 2013, p.181).

Apesar de a leitura de Arthur Schopenhauer ter sido afastada por suas irmãs por causa do impacto que a recepção da obra tinha tido entre os alemães, a leitura deste filósofo esteve marcante entre dois momentos de instabilidade para a intelectual, a saber, a Primeira Guerra Mundial e a morte do seu sobrinho Harold Stein. Porém, a leitura do filósofo Friedrich Nietzsche era incentivada pelas irmãs como na época de férias em que: “Lembro-me que Rose trouxera consigo o Zaratustra de Nietzsche. Às vezes ela interrompia a leitura e gritava pedindo ajuda: “Ei, franguinha, você que é tão inteligente, explique-me o que isso significa! ”. (STEIN, 2013, p.156).

Essas leituras vão levar a jovem Edith Stein à escolha das disciplinas de história quando cursou na Universidade de Breslau, em especial quando assistiu os cursos de História da Filosofia de Eugen Kühnemann, em 1911, intitulado *Obra e visão de mundo de Friedrich Nietzsche*, no qual descreve como “belo espírito” por ser um filósofo com uma escrita apaixonada. (STEIN, 2013, p.227). Apesar de não citar diretamente os dois filósofos em suas conferências e escritos fenomenológicos, as influências de Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche se fazem presentes, em especial na sua definição de intelectual como na conferência *O Intelecto e os Intelectuais*, feita em 2 de dezembro de 1930, onde Edith Stein descreve que uma das causas que tinham causado a Primeira Grande Guerra Mundial e o “Entre Guerras” foi a deturpação da figura do intelectual:

Naturalmente, o povo se inclina com maior rapidez a ter por guias aqueles que surgiram do seu meio e alcançaram um posto superior sem ter perdido, no íntimo, o sentimento que os une: confiam na permanência de um coração aberto para seus problemas e em que ainda saibam onde lhes ‘aperta o sapato’. Isso explica a influência dos líderes nacional socialistas que ‘vieram de baixo’. Aquele que, com mãos suaves e bem cuidadas, com movimentos ligeiros e flexíveis, se revela como alguém que não conhece o trabalho corporal duro, aquele que fala ao povo na linguagem fluida e correta dos ‘cultos’ e sobrevoa despreocupado sobre as duras realidades da luta diária pela vida, é de antemão suspeito. O intelectual só achará o caminho que o levará ao povo – e sem isto não poderá dirigi-lo – quando, em certo sentido, liberar-se do intelecto. Isso não quer dizer que ele deve negá-lo e abandoná-lo. (STEIN, 2013, p.229)

Por fim, é possível dizer que Edith Stein se aproxima da compreensão filosófica de Friedrich Nietzsche bem como da de Edmund Husserl, para quem o fazer filosófico

não se limitaria à mera reprodução de conhecimento ou mesmo de um conjunto extenso de citações, mas sim da consciência de seu papel como filósofa inserido nos problemas do dia a dia. Trata-se novamente do problema do intelectual diante da vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como buscam apontar as professoras Élodie Boubilil e Christine Daigle na obra *Nietzsche and Phenomenology: Power, Life, Subjectivity* a aproximação entre intelectuais tão distintos como Friedrich Nietzsche, Edmund Husserl e Edith Stein não se limita a uma única corrente filosófica, mas sim à “inclinação no compromisso de compreender e decifrar o mundo e o ser humano nele em termos de subjetividade, forças vitais e potência (poder)”. (BOUBLIL; DAIGLE, 2013, p.3). Segundo asseveram as autoras:

Queremos considerar a contribuição afirmativa de Nietzsche para a filosofia e examinar o que ele consiste em oferecer, uma análise procedimental puramente histórica com a recepção e a influência das obras de Nietzsche. Outrossim, objetiva-se revelar, fenomenologicamente, um empreendimento comum compartilhado por esses filósofos, dado seu conhecimento da necessidade de definir mais uma vez a subjetividade, e de examinar como se é informado por essa relação com a vida e com a potência. Dessa maneira nos será permitido deitar nova luz sobre o projeto e a perspectiva da fenomenologia. (BOUBLIL; DAIGLE, 2013, p.3).

Podemos compreender que apesar da distância temporal entre os intelectuais alemães Friedrich Nietzsche, presente no século XIX, cuja produção pode ser compreendida entre os anos de 1865-1889 quando sofreu o seu colapso mental, e os filósofos da escola fenomenológica de Edmund Husserl e em especial Edith Stein, durante o período em que esteve em Breslau e Gottingen, entre 1900 até 1933, apresentam pontos de afinidade, sendo os motivos desta aproximação a admiração pela obra e pela postura de Arthur Schopenhauer como “espírito livre” e modelo de intelectual, bem como a necessidade de que a erudição e a academia não deveriam produzir uma produção que se apoiasse apenas na legitimação do Estado, mas sim do mundo da vida, isto é, a compreensão de que a filosofia deve nascer da busca com os problemas que se desenvolvem no dia a dia ou como afirmado por Nietzsche em resposta ao que disse Zaratustra de forma enigmática como “sentido da

terra”( NIETZCHE, 2012, p.14). Isso é o intelectual deve ser aquele que se preocupa com o povo, pois para esses intelectuais a principal função do acadêmico e intelectual e formular a sua reflexão a partir da suas vivencias com a comunidade, pois através da sua experiência com povo que o mesmo busca adquirir conhecimento de não de maneira hedonista mais sim como um desejo desinteressado.

## REFERÊNCIAS

**BELLO**, Angela Ales. Edith Stein e o nazismo. Roma: Città Nuova, 2005.

**BOUBLIL**, Élodie & **DAIGLE**, Christine (Orgs.). Nietzsche and Phenomenology: Power, Life, Subjectivity. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2013.

**BRUM**, J. T. Nietzsche e Schopenhauer – da admiração à decepção. In. Charles Feitosa, Miguel Angel de Barrenechea e Paulo Pinheiro (Orgs.). Assim falou Nietzsche III: Para uma filosofia do futuro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

**COPLESTON**, Frederick. Nietzsche: filósofo da cultura. Porto: Livraria Tavares Martins, 1953.

**FIGUEIRA**, F. A crítica ao eruditismo no jovem Nietzsche–Londrina, 2012.

**GOLDEN**, Kristen Brown. Live Free or Battle: Subjectivity for Nietzsche and Husserl. In: **BOUBLIL**, Élodie & **DAIGLE**, Christine (Orgs.). Nietzsche and Phenomenology: Power, Life, Subjectivity. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2013.

**GUNZEL**, Stephan. Sobre A Arqueologia de Terra , Corpo e Mundo da vida: Nietzsche-Husserl-Merleau Ponty- in. Revista Filosófica São Boaventura, v. 10, n. 2, jul./dez. 2016.

**HUSSERL**, E. A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental: Uma Introdução à Filosofia Fenomenológica, Ed.Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. Investigações Lógicas - Fenomenologia e Teoria do Conhecimento: Investigações Para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento, Ed. Forense Universitária, 2012.

**LOWY, M.** Notas sobre os Intelectuais Judeus. In: Judeus Heterodoxo Brasil: Editora Perspectiva, 2012.

**NIETZSCHE, F.** Assim Falou Zaratustra. Ed. Martin Claret São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. Ecce Homo. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo, Editora : Companhia das Letras; 2008.

\_\_\_\_\_. Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. III Consideração Intempestiva – Schopenhauer como educador. Trad. de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUCRio; São Paulo: Loyola, 2003.

**SCHOPENHAUER, A.** Sobre a filosofia universitária. Trad. Maria Lúcia de Mello Oliveira Cacciola e Márcio Suzuki. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

**SHESTOV, L.** In Memory of a Great Philosopher: Edmund Husserl. Trad. G. L. Kline. Philosophy and Phenomenological Research, Malden, v. 22, n. 4, 1962.

**STEIN, Edith.** Obras completas (espanhol). Conferências (1926 – 1933). Burgos: Monte Carmelo, 2003.

\_\_\_\_\_. Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos. São Paulo. Ed: Paulus, 2018.

**THOMÉ**, Scheila Cristiane. Investigações Lógicas - Fenomenologia e Teoria do Conhecimento: Investigações Para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento, ed. UFSCar, São Carlos, 2015.

**WEBER**, J. F. Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche. Londrina: EDUEL, 2011.